

EPIDEMIA DO MEDO

Livro 106

Reflexões e Aforismos

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



Roberto Curi Hallal



A FICÇÃO

A ficção ocupa o lugar da realidade, se inventa uma cultura que ordena, se impõe o correto, moralismo com inúmeros mandamentos sem referência e fracionado para não ser justificado. Entre o sujeito e o objeto uma tênue linha confundindo valores e vícios. A confusão gerada nivela o masculino que se feminiza e o feminino que se masculiniza criando um caminho: “ideológico e hiper feminista do sexo ao gênero. Não será, segundo esta teoria, a genitalidade nem tão pouco a funcionalidade hormonal a que decida a sexualidade de cada um, mas a eleição pessoal através do gênero eleito culturalmente... Não há objeto do outro lado do espelho. Só há o reflexo do tabu, o vidro da especulação. A loucura da transparência” (Verdú)

EPIDEMIA DO MEDO

Buscar culpado, antecipar valores, impedir o uso de medicamentos e obrigar o uso de vacinas desconhecidas, predizer o futuro e a mortalidade, explorar o número de mortos negando o valor dos que seguem vivos, tanto por suas resistências, como por ajuda de pessoas envolvidas em cuidados e tratamentos médicos e paramédicos, falar do desconhecido como proprietário de uma descoberta fictícia, manipular a humanidade para aceitar condutas desumanizadas, impôs modelos generalizados sem comprovação de resultados, usar o poder político ditatorial em nome da salvação e do bem (unilateralmente decidido), hipertrofia de modelos impostos por falsários, pseudo cientistas, exploração do infortúnio para criar uma política do medo generalizado, políticos, jornalistas absolutamente ignorantes em questões de Saúde Pública, Prevenção e Tratamento, definindo o que desconhecem. Em qualquer circunstância, o número de mortes por medo, por outras doenças, as feridas deixadas e ainda não computadas, os danos físicos e psíquicos vão ser negados por juízes inescrupulosos que permitiram que se realize a ausência de responsabilidades sobre os malfeitores que, por ignorância, abuso de poder ou delírios de grandeza foram cometidos contra a humanidade.

A PESTE (Verdú, A epidemia, no livro Capitalismo Funeral, 2009)

No século XIV se formulavam três explicações para dar conta da peste: uma, a partir dos doutos; outra, criada pela multidão anônima; e a terceira, difundida ao mesmo tempo pela multidão e pela Igreja. A primeira atribuía a epidemia à uma corrupção do ar gerada por fenômenos celestes (aparição de cometas, conjunção de planetas, etcetera), ocasionada quiçá por diferentes emanações apodrecidas ou por ambas coisas juntas. A segunda explicação carrega uma acusação: havia plantadores de contágio que estendiam deliberadamente a doença. Era necessário buscar prender-lhes e castigar lhes. A terceira assegurava que Deus, irritado pelos pecados de toda uma população, havia decidido vingar-se: convinha, pois, acalmá-lo e mediante ritos e penitências. Aqui se vê expressado explicações técnicas e profissionalizadas se aproximando ao pensamento zero ou às formas rudimentares do pensamento religioso.

“Em todas as épocas se sentiram atraídos pela magia da réplica, porém na nossa a clonagem, a pirataria discográfica, o escaneado, a fotocópia, o marketing viral, contribuíram graças ao apoio das media e o contato global, a provocar formidáveis contágios ou epidemias massivas.

A HABITUAÇÃO

O fenômeno da habituação começa por uma atração de se estar em dia com um coletivo próximo ou global, pensar como os demais, vestir como os demais, pensar como os demais, anular a individualidade para converter-se em parte de uma formação social. Vários elementos farão a iniciação que atrai com promessas de paraíso e felicidade plena para alcançar o desejado desde sempre e negado pelo mundo, a ser desprezado logo dessa descoberta. Inaugura-se uma nova seita, como novas autoridades culturais, uma nova família mais justa e mais inclusiva. Finalmente a Utopia ao alcance, descomplicada, com libertinagem apoiada e incentivada como uma nova forma de viver a vida com amor. Uma militância que revisa, que protege as plantas com um amor que não chega aos humanos, serviços básicos oferecidos às necessidades básicas do momento, delivery, consumos sem custos e sem consequências. Inaugura-se a não arte como arte, objetos por sujeitos, dinheiros por valores, tudo a venda, tudo em compra. A difamação impera e a mentira ocupa o lugar da verdade. Vulgarizada a invisibilidade, já não é uma meta da Educação o enaltecimento da Alteridade, na sombra do Imperialismo do Eu.

Diz-nos Verdú (2009): “Por sua parte, a má qualidade de vida urbana se corresponde com a má qualidade da saúde, a má qualidade da educação, a má qualidade da justiça ou a democracia. Os governantes, os catedráticos, a linguagem, os jérseis, as luvas, os salários, as relações de casal, tudo se acha rebaixado ou em plena liquidação. O mesmo reino do rebaixado, próximo ao lixo, contagiou ao cinema, a pintura ou a arquitetura e não digamos mais essas gogorobas literárias (menos que zero) que circulam entre a alegre acolhida do público, que, a sua vez, em interação com eles, degrada jubilosamente seu valor.”



ETIENNE DE LA BOÉTIE (O pai da Sociologia) – O DISCURSO DA SERVIDÃO VOLUNTÁRIA

Ninguém se lamenta de não ter o que jamais teve, e o pesar não vem jamais senão depois do prazer e consiste sempre no conhecimento do mal oposto à lembrança da alegria passada. A natureza do homem é ser livre e

querer sê-lo. Porém também sua natureza é tal que, de uma forma natural, se inclina para onde lhe leva sua educação. Digamos, pois, que no homem, todas as coisas são naturais, tanto se cria-se com elas como se acostumasse a elas. Porém só lhe é inato aquilo ao que sua natureza, em estado puro e não alterada.



ETIENNE DE LA BOÉTIE (O pai da Sociologia) – O DISCURSO DA SERVIDÃO VOLUNTÁRIA

O povo foi sempre assim. Mostra-se disposto e dissoluto para o prazer que se lhe brinda em forma desonesta, e insensível ao dano e à dor que padece honestamente.

ETIENNE DE LA BOÉTIE (O pai da Sociologia) – O DISCURSO DA SERVIDÃO VOLUNTÁRIA

A palavra de Boétie, se deixa primeiro ouvir como palavra política. Depois, perde aparentemente este caráter, quando o autor, ao afastar-se do povo, decide entregar-se tão somente à investigação; supomos então que, uma vez instituído o registro do escrito, o discurso político cede ante um discurso sobre o político. Porém há que reconhecer que este último não deixa de ser político e supõe, todavia, um destinatário: cria uma aliança com uma categoria de leitores e exclui a outra. Dirige-se aos que estão dispostos a captar os sinais que emite, que querem e desejam ir a seu encontro. O escritor indica indiretamente ao destinatário seu nome: o amigo. Ao induzir a seu leitor a investigar ao mesmo tempo o sentido de servidão e o da amizade, o leva pouco a pouco a descobrir a dimensão política da leitura.

MAQUIAVEL

Maquiavel escreve ao serviço da liberação; não se dilui ante as verdades anunciadas, não se precipita para uma finalidade, mas, que se converte em suporte de um desejo de saber que, para realizar-se, deve desprender-se, não só das representações predominantes em sua época, mas das que se engendram ao dar-lhes a volta. E essa exigência é a que suscita esse desejo no outro, o desejo de ler.



A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO – GUY DEBORD

A vida inteira das sociedades nas que imperam as condições de produção modernas se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o diretamente experimentado converteu em uma representação... A exterioridade do espectador em favor do objeto contemplado (que é resultado de sua própria atividade inconsciente) se expressa desse modo: quando mais contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende

sua própria existência e seu próprio desejo. A exterioridade do espetáculo em relação com o homem ativo se faz manifesta no fato de que seus próprios gestos deixam de ser seus, para converter-se nos gestos do outro que os representa para ele. A razão de que o espectador não se encontre em casa em nenhuma parte é que o espetáculo está em todas as partes.



ETIENNE DE LA BOÉTIE (O pai da Sociologia) – O DISCURSO DA SERVIDÃO VOLUNTÁRIA

Diz-nos Verdu (2009): “Por sua parte, a má qualidade da saúde, a má qualidade da educação, a má qualidade da justiça ou a democracia. Os governantes, os catedráticos, a linguagem, os jérseis, as luvas, os salários, as relações de casal, tudo se acha rebaixado ou em plena liquidação. O mesmo reino do rebaixado, próximo ao lixo, contagiou o cinema, a pintura e a arquitetura, e não digamos já as gogorobas literárias (menos que zero) que circulam entre a alegre acolhida do público, que, a sua vez, em interação com eles, degrada jubilosamente seu valor.”

IDEOLOGIA EXAGERADA – GUY DEBORD (NO LIVRO A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO)

Quando a ideologia, convertida em absoluta pela posse do poder absoluto, se transforma de conhecimento parcial em mentira totalitária, o pensamento histórico é aniquilado de modo tão total que a própria história deixa de existir no nível mais empírico da consciência. A sociedade burocrática totalitária vive um presente perpétuo no qual tudo o que ocorre existe unicamente graças a ela, como espaço acessível a sua polícia. O projeto, formulado por Napoleão, de “dirigir monarquicamente a energia das lembranças”, encontra sua concretude mais perfeita na manipulação permanente do passado, não somente em quanto a seu significado, mas inclusive em quanto aos fatos mesmos. Porém o preço que há de pagar-se por essa liberação de toda realidade histórica é a perda da referência racional indispensável para a sociedade capitalista histórica. É conhecido o custo que a aplicação científica da ideologia enlouquecida há chegado a ter para a economia russa, como o prova o caso Lyssenko. Esta contradição – uma burocracia totalitária que administra uma sociedade industrializada, aprisionada entre sua necessidade de racionalidade e

seu rechaço do racional -constitui uma das principais deficiências com vistas ao desenvolvimento capitalista normal. Do mesmo modo que a burocracia é incapaz de resolver a questão agrária do modo em que o faz o capitalismo, também é definitivamente inferior a ele no referente à produção industrial, planejada autoritariamente em função do irrealismo e da mentira generalizada.

Já no passado houve por parte de Trófimo D. Lyssenko, cientista russo que pretendeu refutar a genética mendeliana e substituí-la por outra doutrina (o “micurinismo”), supostamente derivada do materialismo dialético. Estimulado pelo P.C.U.S. à categoria de gênio, a posta em prática de suas teses mostrou sua completa falsidade (El caso Lysenko, Ed. Anagrama, Barcelona, 1974).

VIVENTE VERDÚ VATICINA A PESTE (A SUBSTÂNCIA DO MEDO NO LIVRO O CAPITALISMO FUNERAL, 2009)

O medo, enfim, é a matéria ponte que primeiro ata a cada qual e depois, segundo os otimistas, une aos seres humanos. Não é a saúde, portanto, a que nos fará mais solidários, mas a doença, a peste ou o medo compartilhado. A catástrofe a volta da esquina faz agora de todos nós vizinhos, irmãos da mesma área de terror. Vizinhos e doentes de medo, transfundidos todos mediante o pânico.

Nunca uma família acharia aglutinantes mais fortes. Doentes todos e congregados sob a inevitável quarentena auto imposta entre o contágio incessante, incestuoso e sem final. É esta crise real?

A CORAGEM – ANDRÉ COMTE-SPONVILLE

Na medida em que a virtude é um esforço -sempre o é, fora a graça ou o amor-, toda virtude é coragem, e é por isso que a palavra “covarde” é a mais grave das injúrias. Não porque a covardia seja o pior no homem, mas porque sem coragem não se poderia resistir ao pior em si ou em outrem.



CRETA E CHIPRE

Em Creta e no Chipre se conservam os cultos dos mistérios, que chegam mais tarde aos mistérios de Eleusis. Em Creta e no Chipre, se celebra a união da deusa com o touro sagrado, que é Tamuz. O rey de Creta, Minos, aparece como a figura de touro, e desta maneira deve compreender seu nome Minotauro, nome que sobrevive na lenda de Teseo. Também esta lenda diz que Grécia depende de Creta. Assim é compreensível que na corrida de touros da Espanha se conserve até o presente

a antiga ideia mediterrânea do touro e de seu combate com ele. Pois ao matar o touro, se desperta a vida, e a morte e o nascimento se ligam dessa maneira a um sentido místico.



Roberto Curi Hallal

